

Materialismo Histórico: uma Teodiceia secularizada?

Paulo Fernando Rocha Antunes¹

Resumo: O presente artigo procura confrontar o *Materialismo Histórico*, na esteira de algumas elaborações de Karl Marx e Friedrich Engels, com as elaborações, em sentido amplo, de uma “teodiceia secularizada”, tomando como mote a questão que o nomeia: “*Materialismo Histórico: uma Teodiceia secularizada?*”. Assim, compete ao presente artigo procurar perceber se o *Materialismo Histórico* é uma forma de manifestação desta, por via de tal confronto. Para o efeito, tomam-se como principal exemplo dois artigos de Marx – *The British Rule in India* e *The Future Results of British Rule in India* – como os textos preferidos pelos críticos para uma semelhante colação.

Palavras-chave: *materialismo histórico; Teodiceia; Teodiceia secularizada.*

Abstract: This paper seeks to confront the *Historical Materialism* in the wake of some elaborations of Karl Marx and Friedrich Engels, with the elaborations, in the broad sense, of a “secularized theodicy”, taking as a motto the issue appointing him: “*Historical Materialism: a secularized Theodicy?*”. It is therefore up to this paper trying to understand if the *Historical Materialism* is, of the latter, a form of manifestation, by means of such a confrontation. To that end, it is taken as a prime example two papers from Marx – *The British Rule in India* and *The Future Results of British Rule in India* – as the text preferred by critics for a similar collation.

Keywords: historical materialism; Theodicy; secularized Theodicy.

¹ Doutorando em Filosofia Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: pauloantunes@campus.ul.pt.

1. Breves notas introdutórias

O presente artigo procura confrontar o *Materialismo Histórico*, na esteira de algumas elaborações de Karl Marx e Friedrich Engels, com as elaborações, em sentido amplo, de uma “Teodiceia secularizada”, tomando como mote a questão que o nomeia: “*Materialismo Histórico: uma Teodiceia secularizada?*”.

Antes de mais, relembra-se que o *Materialismo Dialético* surgiria, essencialmente designado como tal, pelas gerações de estudiosos marxistas posteriores, embora a sua tematização tenha sido da responsabilidade de Marx e Engels. O *Materialismo Dialético*, de acordo com a concepção destes autores, corresponderia à interpretação mais fiel da própria *realidade*, por sua vez, *material dialética*. Quer dizer, o desenvolvimento do *real material* procedia em *devoir de contradições*. Por seu turno, o *Materialismo Histórico* tratava de uma compreensão materialista dialética da história, recebendo também um batismo ulterior. Engels consideraria as *Thesen über Feuerbach* de Marx (1845, que ficarão para outras núpcias) como a inauguração de uma “concepção materialista da história”, como lhe chamavam (ENGELS, 1978, p. 25).

Quanto a uma *Teodiceia*, termo cunhado pelo pensador racionalista moderno Gottfried W. Leibniz, lembra-se que trata da questão sobre o “problema do mal” segundo as “possibilidades” de Deus, ou seja, a *responsabilidade* daquele estava nas mãos Deste, Ele incorporava o “mal” nos seus *desígnios*. Daí, a secularização da *Teodiceia* tratar, à falta de melhor expressão, de uma “passagem de testemunho” da *responsabilidade* do “mal” das mãos de Deus para as mãos da humanidade.

Desde já, e num primeiro momento, pode parecer que a *Teodiceia secularizada* expressa o mesmo que uma *Filosofia da História* (quanto aos seus preliminares delineamentos, VICO, 1816, p. 143; VOLTAIRE, 1765, p. 1-2), uma vez que ambas contêm uma pressuposta *responsabilização* do ser humano pela existência do “mal”, ambas julgando afastar-se de soluções de escopo metafísico. Em

última instância, ambas podem ser igualmente consideradas como uma “secularização” da *Teodiceia*. Contudo, comportam uma diferença fundamental.

Por um lado, se a *Filosofia da História* enxerta no desenvolvimento histórico um “conceito simples de Razão” (*einfache Gedanke der Vernunft*, cf. HEGEL, 1989, p. 20-22), entenda-se, um “princípio racional” dos mais variados matizes, com o qual se possa conferir *sentido* à diversidade de factos históricos, competindo ao ser humano realizá-lo, justificando o “mal” ao arrepio de uma tal *realização e sentido histórico*; por outro lado, a *Teodiceia secularizada* enxerta, independentemente do desenvolvimento histórico, “meios sociais” como *justificação do “mal”*, como processo de racionalização e conformação com o que não corre bem (mesmo que, por vezes, comporte um viés irracional).

Assim, impende sobre o presente artigo procurar perceber se o *Materialismo Histórico* é uma forma de manifestação desta última, por via de tal confronto.

2. A *Teodiceia moderna*: uma breve contextualização

Após séculos de medieva discussão sobre o carácter de Deus, se era *sumamente bom, onnipotente, omnisciente, omnipresente*, etc., então, colocava-se à Modernidade com renovada premência o problema de se perceber qual o *lugar* do “mal” num mundo em que Deus possuiria tamanhas caraterísticas.

Este “problema” assomava concomitante com um outro – o “problema do livre-arbítrio” –, isto é, se o ser humano possuiria ou não capacidade para decidir por si sobre as suas próprias intenções (mormente as mais vis)? Afinal, o ser humano, supostamente livre para pecar (ainda que “irremediavelmente” maculado pelo “pecado original”), poderia ser o *causador e justificador da existência do mal...*

Colocavam-se difíceis questões: *como é que Deus poderia permitir tal coisa? Não seria Deus capaz de criar uma criatura menos “maliciosa”?* É a possibilidade de pecar razão suficiente para justificar o mal?

E como tentativa de dar resposta a estes problemas, (a)firmava-se a *Teodiceia* – a qual consiste, fundamentalmente, enquanto a procura de uma solução para o chamado “problema de uma justificação para a existência do mal”. É a concepção de que tudo no mundo ocorre como um determinado *bem*, o qual não poderia ser entendido por “criaturas inferiores” como os seres humanos, apenas por Deus, *causa* de todo o Bem.

Quer dizer, a crença de que existe o “mal” seria sempre sustentada por uma *incapacidade* da humanidade em perceber que “não há mal que não venha por bem”, que não há “mal” que não seja a “melhor possibilidade” entre aquelas que Deus dispunha de entre as várias possibilidades de mundo por Ele previstas, criadas. Este será “o melhor dos mundos possíveis” (*le meilleur des mondes possibles*, cf. LEIBNIZ, 1720, §8, p. 75). Ao ser humano caberia somente a *contemplação* da realidade e poder compreender a *perfeição* da “obra divina”.

O Todo surgiria como *perfeição*, como “boa Ordem” (*good Order*), “harmonia pré-estabelecida” (*harmonie préétablie*), sobre o qual caberia à humanidade *conhecer* realmente, mas apenas ao *apreender* tal como se *dava*, visto que em nada podendo ter ocorrido, ou ter sido *dado*, de outra maneira no Todo, este teria de ser, tal como *estava*, necessariamente *perfeito*, condicente com a “Ordem do Mundo” (*Order of the World*, Shaftesbury, 1773, p. 9; LEIBNIZ, 1720, §188). O mundo parecia desenvolver-se em perfeita *harmonia*, e tudo nele se encontrava *justificado* independentemente da compreensão humana sobre o mesmo (por exemplo, POPE, 1821, linhas 289-294, p. 16).

O único problema parecia residir “apenas” no lugar reservado para as *sumas características divinas*. Afinal, Deus não controlaria todas as *possibilidades* que previa... Deste modo, Deus encontrava-se “sentado”, por assim dizer, no “banco dos réus” em relação aos “males” dos quais o mundo padecia, até mesmo dos “físicos” (*mal physique*) e “morais”

(*mal moral*), essencialmente, por causa do *necessário* “mal metafísico” (*mal metaphysique*, LEIBNIZ, 1720, §21 e ss.)².

Com a principal aporia assim encontrada – *ação humana versus sumas características divinas* –, começava a ruir a base de uma *Teodiceia* como a *moderna*, sustentada em Deus como justificação “bondosa” de todo o “mal”.

3. A Teodiceia secularizada e o Materialismo Histórico

A época histórica transformava-se, viviam-se tempos de uma pluralidade cultural abruptamente “descoberta”; tempos de secularização um pouco por todo o “velho mundo”; tempos de advento industrial; bem como tempos de ascensão da burguesia e a da sua nova relação social-económica (capitalista). A humanidade era “chamada” mais vezes, do que até aí se havia apercebido, para a *ação*.

Mas, como nem tudo dependeria exclusivamente da ação humana, a Natureza (sem qualquer pretensão de personificação) também daria um empurrão. A partir do terramoto de Lisboa de 1755 tornava-se mais difícil ao ser humano, mormente aos reputados pensadores do chamado “Iluminismo” (*Aufklärung*), dizer que tudo se desenvolvia na mais “perfeita harmonia”. Pois se tudo fosse “bom”: *também os milhares de lisboetas soterrados após o terramoto fariam parte de algum desígnio divino? Mas, como é que isso poderia ser possivelmente “bom”? Que Deus poderia permitir tal acontecimento?* (NEIMAN, 2002, p. 240)³.

² Embora também haja uma outra perspectiva, como subtilmente Jean-Claude Gens secunda em Glossário: na Teodiceia Deus não estaria no “banco dos réus” porque se inocenta de todo o “mal”, este tem de acontecer... (Gens, 2010).

³ Tal sentimento, de um estado de espírito que caracterizava a mudança de época, também pode ser ilustrado através dos versos dedicados ao terramoto de Lisboa por Voltaire (Voltaire, 1784, p. 117-121). Não obstante, outros fatores, como já assinalados, também terem contribuído decisivamente para a sua transformação.

A história que até à época assomava no essencial como “abençoada” pela Providência, passou definitivamente para responsabilidade humana; afinal, Deus não seria mais responsável por tudo quanto havia acontecido ou viria a acontecer, à humanidade também caberia a sua quota-parte (assaz pesada). Não porque a humanidade tenha provocado o terramoto, mas, se se iliba Deus de uma parte do ónus do mundo... *alguém* terá responsabilidade perante tudo o resto, desde logo, quanto às consequências da própria ação.

Como referido, em breve nota introdutória, a *Teodiceia secularizada* enxerta, independentemente do desenvolvimento histórico, “meios sociais” (*social means*) como *justificação* do “mal”, essencialmente havido pela ação humana (em geral, vista como tendencialmente “má”). Confirme-se, sem maior discussão, para comodismo de uma sucinta definição, o que Michael Herzfeld prefere colocar no lugar da definição de Max Weber (de que a *Teodiceia* postula uma crença contra a evidência de que o mundo é imperfeito):

[A] *teodiceia secular* [*secular theodicy*] [...] *proporciona meios sociais para as pessoas lidarem com a decepção*. O facto de que os outros nem sempre desafiam até mesmo as mais absurdas tentativas de explicar o fracasso não é prova de credulidade. Ao invés, pode ser evidência de uma orientação muito prática [*very practical orientation*] que se recusa a minar [*undermine*] as convenções de autojustificação [*self-justification*] porque virtualmente todos [...] poderão precisar de as utilizar no curso da [sua] vida (1992, p. 7, *grifos nossos*)⁴.

⁴ “[The] secular theodicy [...] provides people with social means of coping with disappointment. The fact that others do not always challenge even the most absurd attempts at explaining failure does not prove them gullible. It may instead be the evidence of a very practical orientation, one that refuses to undermine the conventions of self-justification because virtually everyone [...] may need to draw on them in the course of a lifetime”.

Não deixando de se ressaltar, embora sem maior aprofundamento, os matizes “pragmatistas” (admitidos pelo autor) e até de teor “psicologista” que se deixam lobrigar numa *Teodiceia secularizada* assim entendida. Isto é, uma elaboração como esta, desatendendo ao *desenvolvimento histórico* como via para justificar o “mal” no seu “exclusivo” processo (por exemplo, como faz a *Filosofia da História*), não deixa de colocar dentro das relações sociais uma “orientação prática” *autojustificativa* do “mal”, “meios sociais” como uma certa racionalização, tendencialmente *metafísica*, daquele. Quer dizer, aquilo que de racional possa haver em uma *justificação* como esta, é, quase sempre, uma forma de enxertar um *sentido* ao real.

Mas é, precisamente, por alguns autores considerarem, mesmo o desenvolvimento do real que se conceba enquanto *materialista*, como uma elaboração de teor metafísico, que vão considerar o *Materialismo Histórico* como mais uma secularização da *Teodiceia*. Quer seja no que diz respeito a mais uma *Filosofia da História* (por exemplo, TUCKER, 1972, p. 23; BERLIN, 1980, p. 56), como a mais uma *Teodiceia secularizada* (por exemplo, PINNOCK, 2002, p. 60), embora, para o nosso efeito, apenas interesse discutir esta última concepção. No entanto, atenda-se, por exemplo, à seguinte passagem de Peter Dews:

[...] [O] *Marxismo incorpora o mal [evil] no processo da história*, como violência e exploração de uma sociedade de classes, que, a longo prazo, produz uma mudança final revolucionária para um mundo emancipado (2008, p. 220, *grifos nossos*)⁵.

⁵ “[...] [The] Marxism incorporates evil into the process of history, as the violence and exploitation of class society, which will, in the long run, produce a final revolutionary shift to an emancipated world”.

Este é um dos autores que vai considerar Marx como muito importante na “secularização” da *Teodiceia* em uma *Filosofia da História* em encalce hegeliano (DEWS, 2008, p. 228)⁶.

Ademais, foi com base no artigo de Marx – *The British Rule in India* (1853) –, que o *Materialismo Histórico* foi sobejamente apontado como mais uma das formas de manifestação de uma *Teodiceia secularizada*. Artigo a partir de onde os autores insistiram na tese de que Marx justificara o “mal” que o Império Britânico infligira ao povo indiano como uma *necessidade histórica* de “superação” (*Aufhebung*) de “modos de produção” (*Produktionsweise*) caducos mediante um “progresso universal” da sociedade. Observe-se o seguinte exemplo:

No que pode ser visto como um exercício clássico em teodiceia secular [*secular theodicy*], ele [Marx] celebrenemente justificou a “miséria infligida pelos britânicos no Hindostão” em termos de um progresso universal [*universal progress*] rumo ao futuro radiante da modernidade (HEINS, 2011, p. 43)⁷.

Neste sentido, quanto à questão: “*Materialismo Histórico: uma Teodiceia secularizada?*”, sem dúvida, aquele será considerado como uma forma de manifestação desta, pois, mesmo que a despeito do desenvolvimento histórico, sobraria uma “violência e exploração” e uma “miséria” *autojustificadas* pelos “meios sociais” que se sobreporiam às relações sociais capitalistas vigentes.

⁶ Para uma consideração do “marxismo” como uma “teodiceia secular” diretamente decalcada de uma “teodiceia” de tipo hegeliano, mediante algumas modificações... veja-se, Elster (1982).

⁷ “In what can be seen as a classical exercise in secular theodicy, he famously vindicated the “misery inflicted by the British on Hindostan” in terms of universal progress toward the radiant future of modernity”.

4. O *Materialismo Histórico* e a dominação britânica na Índia

Uma vez que o artigo de Marx sobre a *dominação britânica na Índia* é o mais visado para apontar uma forma de manifestação da *Teodiceia secularizada* ao *Materialismo Histórico*, atenda-se a uma passagem daquele:

A Inglaterra, é verdade, ao causar uma revolução social no Indostão fora movida apenas pelos interesses mais vis e era estúpida na sua maneira de os impor. Mas não é essa a questão. A questão é: pode a humanidade cumprir o seu destino [*fulfil its destiny*] sem uma revolução fundamental no estágio social da Ásia? Se não, quaisquer que possam ter sido os crimes da Inglaterra, ela foi o instrumento inconsciente da história [*unconscious tool of history*] para se chegar a essa revolução (MARX, 1979a, p. 132)⁸.

Aqui, no comentário que é costume ser feito, aponta-se a Inglaterra como movida por uma “inevitabilidade” histórica, infligindo um “mal” *necessariamente* justificado por um “bem maior” – o de uma sociedade que se *supera* rumo a um melhor estágio de desenvolvimento na história, pela *transformação* das relações sociais dominantes. Como uma conceção que visasse encaixar este desenvolvimento naquela “inevitabilidade” (metafisicamente considerada).

Porém, segundo Marx e Engels, a partir do “processo real de vida” – das “condições materiais da sua produção” (*materiellen Bedingungen ihrer Produktion*), eminentemente económicas, onde se encontravam as relações de *base* entre os seres humanos, como *produziam* o seu

⁸ “England, it is true, in causing a social revolution in Hindostan, was actuated only by the vilest interests, and was stupid in her manner of enforcing them. But that is not the question. The question is, can mankind fulfil its destiny without a fundamental revolution in the social state of Asia? If not, whatever may have been the crimes of England she was the unconscious tool of history in bringing about that revolution”.

viver, entre as classes a que pertenciam (MARX & ENGELS, 1978a, p. 26-27) –, não se poderia deixar de ter em conta o quanto mais evoluída estava a Inglaterra dentro do sistema económico em que se desenvolvia do que a Índia no seu.

Em igual consideração, não se poderia deixar de ter em conta qual dos sistemas propiciava as melhores condições para uma *superação* social-económica com vista à construção de uma sociedade sem opressores e oprimidos, isto é, que proporcionasse uma vida melhor a um maior número de seres humanos. Bem como qual dos sistemas, dentro das suas contradições internas, precisaria de se lançar numa prática expansionista para poder continuar a desenvolver-se, por conseguinte, a manter as condições de vida que havia alcançado.

Ora, não se tratava, aqui e ali, de uma colagem de factos históricos por via de uma elaboração filosófica que lhes servisse de *sentido*. Ao invés, a passagem citada serviria mais como metáfora àquilo que enuncia como o carácter “destinado” do Império Britânico, da quota-parte deste dentro do coetâneo desenvolvimento histórico.

Aquilo que as teses do *Materialismo Histórico* aqui mais relevariam seria a importância de uma evolução no estágio social-económico asiático, necessariamente com vista a um desenvolvimento onde os indianos pudessem ter melhores condições de vida. Caso contrário, a sua situação não tomaria parte na emancipação geral da humanidade, aliás, contida no Capitalismo em comparação com o Feudalismo, pois quaisquer nações subdesenvolvidas atrasariam as condições encontradas no sistema expansionista capitalista para uma real emancipação num sentido socialista.

Por isso, Marx chamaria a atenção para o sistema indiano, destacando-o como um sistema de castas, verdadeiramente opressor para aquelas castas que se encontravam na base social. Dizia, por mais pena que se pudesse ter pela destruição de um sistema ancestral, tratar-se da destruição dos fundamentos daquilo que fora o “despotismo oriental” (MARX, 1979a, p. 132).

Não fora Marx, nem Engels, nem as consequências que possam seguir das elaborações do *Materialismo Histórico*, a decidir, sobre a expansão do Império Britânico na Índia, mas os próprios colonizadores quando impuseram o seu sistema, por sua vez suficientemente superior para lograr subjugar um outro (MARX, 1979a, p. 127).

Quer dizer, não fora preconizada nenhuma fórmula para a colonização; por seu turno, foram afirmadas as condições para a *superação* da dominação dado o desenvolvimento real (cf. Marx, 1979b, p. 222). Não se justificaria o “mal” da colonização por um “bem maior” da humanidade, pois que a colonização não aparece como tal, mais do que aparece como parte das condições materiais de vida (*materiellen Lebensbedingungen*), ou seja, não se trataria de um “mal” metafisicamente elaborado, ou por “meios sociais” justificado, mas do *desenvolvimento real*.

5. *Materialismo Histórico: uma Teodiceia secularizada?*

O *desenvolvimento histórico* segue, assim, o seu curso, onde as relações de produção, eminentemente económicas, assumem o seu lugar de destaque e os sistemas *superam*-se uns aos outros, conforme a evolução de um novo estágio que surja como superior e dos contornos que a sua evolução adquira.

Assim, não fora o *Materialismo Histórico* a “decidir” que os “males” do varrimento das condições de subjugação anteriores fizessem parte de algum “desígnio” histórico humano, fora o próprio processo real de vida (*wirklichen Lebensprozeß*), as relações materiais humanas, que assim o acabaram por determinar. Segundo diziam os autores alemães “Para o lugar de velhas necessidades [*Bedürfnisse*], satisfeitas por artigos do país, entram novas necessidades que exigem para a

sua satisfação os produtos dos países e dos climas mais longínquos” (MARX & ENGELS, 1978b, p. 466)⁹.

Um parágrafo abaixo, Marx e Engels dão conta de que a burguesia, através de uma rápida melhoria de todos os seus instrumentos de produção, pelas suas formas de comunicação sobremaneira facilitadas, arrastaria todas as nações para a *civilização*. Com preços mais reduzidos deitaria por terra todas as barreiras, forçando à capitulação qualquer nação, mesmo a mais fechada. A burguesia imporá o seu modo de produção [*Produktionsweise*], senão as outras nações corriam o risco de se arruinares; a burguesia criava um mundo à sua própria imagem (1978b, p. 466).

O sistema que gradualmente se foi impondo e tornando dominante – o Capitalismo – seria um sistema expansionista, com tendência a buscar sempre mais e mais e a subjugar qualquer sistema que ao pé de si fosse produtiva e militarmente inferior. Se assim era, cabia, na perspectiva *materialista histórica*, compreender as suas *contradições* fundamentais, como se *opunham* e como se vislumbrava a sua *superação*, ou seja, aproveitar as suas novas condições, e procurar construir um estágio mais desenvolvido para o ser humano, tornado possível, de certa maneira, pelo sistema vigente.

Como foi dito, o “mal” não estaria justificado dentro de um “bem maior” e, no que concerne ao social, escapasse ao ser humano; pelo contrário, caberia precisamente à humanidade compreender o que a constrange realmente e agir para *transformá-lo*.

Ora, no presente confronto entre o *Materialismo Histórico* e a *Teodiceia secularizada*, a sua coincidência apenas poderia ser inferida se se considerasse aquele como uma *concepção* que encontrasse as suas principais elaborações num plano primeiramente *axiológico, especulativo, filosófico*, e não num plano *material*, em desenvolvimento, onde o ser humano se encontrasse na sua qualidade de *ser prático*

⁹ “An die Stelle der alten, durch Landeserzeugnisse befriedigten Bedürfnisse treten neue, welche die Produkte der entferntesten Länder und Klimate zu ihrer Befriedigung erheischen”.

imerso nas *relações de produção* do seu próprio viver (entre outras, bem como em relação com a Natureza) (MARX & ENGELS, 1978b, p. 474-475).

Por conseguinte, as teses do *Materialismo Histórico* não justificariam o “mal”, seguramente, não no sentido de uma secularização da *Teodiceia*. Tudo o que fosse fazer corresponder o *Materialismo Histórico* a uma *Teodiceia secularizada* tenderia a ser tributário de uma perspectiva que se evadisse ao *desenvolvimento real*, ou seja, como que a *virar-se*, uma vez mais, *de cabeça para baixo*.

6. Breves notas finais

Dado o confronto havido entre as concepções enunciadas, pouco resta acrescentar, senão umas breves notas finais. Comentam-se duas passagens que, quanto ao nosso entendimento, parecem ilustrar a resposta dada à questão que serviu de mote ao presente artigo. Engels referia:

A visão materialista da história [*materialistische Anschauung der Geschichte*] parte do princípio de que a produção, e logo a seguir à produção a troca dos seus produtos, são a base de toda a ordem social; de que, em cada sociedade que surge na história, a repartição dos produtos, e com ela a divisão social em classes ou estados [*Stände*], é regulada pelo que se produz e como se produz, e como o produzido é trocado. Portanto, as causas últimas [*letzten Ursachen*] de todas as transformações sociais e revolucionamentos políticos são de procurar, não nas cabeças dos homens, na sua progressiva inteligência da verdade e da justiça eternas, mas nas transformações do modo de produção

e de troca; são de procurar, não na *filosofia*, mas na *economia* da época em questão (1987, p. 210)¹⁰.

O autor destaca, quanto ao *Materialismo Histórico*, o facto de este partir das “causas últimas” da humanidade no real, como parte deste, desde logo como tendo de produzir a sua própria subsistência, aproveitando para trocar entre si os seus produtos, e da maneira que o faz define o tipo de sistema económico em vigor. Este é o sentido basilar da economia na vida do ser humano, não é especulativo e não se desliga do desenvolvimento real material.

Neste sentido, as tais “violência e exploração” e “miséria” não se encontram como um “mal” justificado por “meios sociais”, quer racional, quer mais absurdamente, com vista a algum “bem”. Antes, a história é *história* da realidade, é em si a *materialidade dialética* em desenvolvimento e no que a humanidade consegue ou pode, relata. Os autores alemães afirmavam:

As premissas com que começamos não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais [*wirkliche Voraussetzungen*], e delas só na imaginação se pode abstrair. São os indivíduos reais [*wirklichen Individuen*], a sua ação e as suas condições materiais de vida [*materiellen Lebensbedingungen*], tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação. Estas premissas

¹⁰ (Tradução de “Edições Avante!”), “Die materialistische Anschauung der Geschichte geht von dem Satz aus, daß die Produktion, und nächst der Produktion der Austausch ihrer Produkte, die Grundlage aller Gesellschaftsordnung ist; daß in jeder geschichtlich auftretenden Gesellschaft die Verteilung der Produkte, und mit ihr die soziale Gliederung in Klassen oder Stände, sich danach richtet, was und wie produziert und wie das Produzierte ausgetauscht wird. Hiernach sind die letzten Ursachen aller gesellschaftlichen Veränderungen und politischen Umwälzungen zu suchen nicht in den Köpfen der Menschen, in ihrer zunehmenden Einsicht in die ewige Wahrheit und Gerechtigkeit, sondern in Veränderungen der Produktions und Austauschweise; sie sind zu suchen nicht in der *Philosophie*, sondern in der *ökonomie* der betreffenden Epoche”.

são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico. *A primeira premissa de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos* (MARX & ENGELS, 1978a, p. 20, grifos nossos)¹¹.

Em suma, são estes “indivíduos humanos vivos” que se relacionam *histórica e realmente, material e dialeticamente*, entre si e com o restante que os rodeia, assim, não há lugar a uma justificação do “mal”, a uma secularização da *Teodiceia* nas elaborações de Marx e Engels. Ainda que no sentido das relações sociais, o desenvolvimento real não se compadece com enxertadas veleidades teóricas com vista a *conferir-lhe* um qualquer *sentido* de fora dele para o que pareça estar “mal”. O problema não é o “mal”, tão relativo ao período histórico, o problema é, antes, como se desenvolvem as sociedades e como se *transformam* (lugar privilegiado da *ação humana*).

Bibliografia

- BERLIN, Isaiah. *Vico and Herder. Two Studies in the History of Ideas*. London: Chatto & Windus, 1980.
- DEWS, Peter. *The Idea of Evil*. U.S.A-U.K.-Australia: Blackwell Publishing, 2008.
- ELSTER, Jon. “Marxism, functionalism and game theory”. In: *Theory & Society*, vol. 11, n. 4, 1982.

¹¹ (Tradução de Álvaro Pina, «Edições Avante!»), “Die Voraussetzungen, mit denen wir beginnen, sind keine willkürlichen, keine Dogmen, es sind wirkliche Voraussetzungen, von denen man nur in der Einbildung abstrahieren kann. Es sind die wirklichen Individuen, ihre Aktion und ihre materiellen Lebensbedingungen, sowohl die vorgefundenen wie die durch ihre eigne Aktion erzeugten. Diese Voraussetzungen sind also auf rein empirischem Wege konstatierbar. Die erste Voraussetzung aller Menschengeschichte ist natürlich die Existenz lebendiger menschlicher Individuen”.

- ENGELS, Friedrich. *Briefe an Wladimir J. Schmuilow 07.Febr.1893; Marx-Engels Werke*. (Doravante: MEW), ed. IML. vol. 39, Berlin: Dietz Verlag, 1978.
- _____. *Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft*. MEW, vol. 19, 1987.
- GENS, Jean-Claude. *L'Histoire*. (Nouvelle édition entièrement remaniée). Paris: Ellipses Edition-Marketing, 2010.
- HEGEL, Georg W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte; Georg Wilhelm Friedrich Hegel Werke [in 20 Bänden]*. vol. 12, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1989.
- HEINS, Volker. *Beyond Friend and Foe: The Politics of Critical Theory*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2011.
- HERZFELD, Michael. *The social production of indifference: exploring the symbolic roots of western bureaucracy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- LEIBNIZ, Gottfried W. *Essais de théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. A Amsterdam: Chez David Mortier, 1720.
- MARX, Karl-ENGELS, Friedrich. *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*. MEW. 1978a, vol. 3, pp. 9-530.
- _____. *Manifest der Kommunistischen Partei*. MEW, vol. 4, 1978b.
- MARX, Karl. *The British Rule in India; Marx-Engels Collected Works* (Doravante: CW). vol. 12, New York-Moscow: International Publishers-Progress Publishers, 1979.
- _____. *The Future Results of British Rule in India*. CW, vol. 12, 1979b.
- _____. *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. MEW, vol. 13, 1961.
- NEIMAN, Susan. *Evil in Modern Thought. An Alternative History of Philosophy*. Princeton-Oxford: Princeton University Press, 2002.
- PINNOCK, Sarah K. *Beyond Theodicy: Jewish and Christian Continental Thinkers Respond to the Holocaust*. Albany: State University of New York Press, 2002.

- POPE, Alexander. *Essay on Man*. Philadelphia: McCarty & Davis, 1821.
- SHAFTESBURY, Conde de. *An Inquiry concerning Virtue, or Merit, Characteristics; Characteristicks of men, manners, opinions, times*. vol. II, 5th Ed., Birmingham: John Baskerville, 1773.
- TUCKER, Robert. *Philosophy and Myth in Karl Marx*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- VICO, Giambattista. *Principi di Scienza Nuova. D'intorno alla Comune Natura delle Nazioni*. 6.^a Ed. Milano: Colla Vita Dell'Autore, 1816.
- VOLTAIRE, François Marie Arouet. *La philosophie de l'histoire, par feu l'Abbé Bazin*. Genève: Aux depens de l'auteur, 1765.
- _____. *Poème sur le désastre de Lisbonne; Œuvres Complètes de Voltaire*. tome XII, La Société Littéraire-Typographique, 1784.

